

O quarto narrador, a midiatização e as narrativas da violência

The fourth narrator, the mediatization and the narratives of violence

El cuarto narrador, la mediatización y las narrativas de la violencia

DOI: 10.1590/1809-5844201713

Demétrio de Azeredo Soster

(Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Comunicação Social. Santa Cruz do Sul – RS, Brasil)

Resumo

O artigo observa formatos de narrativa que denominamos “narrativas da violência”. Tratam-se de estruturas sócio-técnico-discursivas de caráter simbólico cuja temática diz respeito a denúncias de violência praticadas contra mulheres, crianças, minorias sociais ou indivíduos integrantes destes extratos sociais. A hipótese é que as “narrativas da violência” são estratégias discursivas mediatizadas por meio das quais os sistemas incorporam irritações de natureza desagregadora, caso dos discursos de violência. Ao fazê-lo, ressemantizam as mesmas, contribuindo para a estabilidade sistêmica e permitindo a emergência de um quarto extrato narrativo a partir da categorização proposta por Genette (1988), na Literatura, e Motta (2013), na Comunicação. A abordagem metodológica é qualitativa (DEMO, 2000); a amostragem analisada, intencional por critério (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Palavras-chave: Sistema. Narrativa. Quarto narrador. Midiatização. Circulação.

Abstract

The article observes narrative formats that we denominated as “narrative of violence”. These are socio-technical and discursive structures of symbolic character which theme relates to allegations of violence against women, children, social minorities or individual members of these social groups. The hypothesis is that the “narratives of violence” are discursive strategies mediatized whereby the system incorporates irritations of disruptive nature like in the discourses of violence. In doing so, they re-semanticizing the same, contributing to systemic stability and allowing the emergence of a fourth narrative extract from the categorization proposed by Genette (1988), in Literature theory, and Motta (2013), in Communication theory. The methodological approach is qualitative (DEMO, 2000); the sample analyzed is intentional by criterion (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Keywords: System. Narrative. Fourth narrator. Mediatization. Circulation.

Resumen

El artículo observa formatos de narrativa que denominamos “narrativas de violencia”. Se tratan de estructuras socio-técnico-discursivas de carácter simbólico cuya temática se refiere a denuncias de violencia practicadas contra mujeres, niños, minorías sociales o individuos integrantes de estos extractos sociales. La hipótesis es que las “narrativas de violencia” son estrategias discursivas mediatizadas por medio de las cuales los sistemas incorporan irritaciones de naturaleza disgregadora, que es el caso de los discursos de violencia. Al hacerlo, resemantizanlas, contribuyendo para la estabilidad sistémica y permitiendo la emergencia de un cuarto extracto narrativo a partir de la categorización propuesta por Genette (1988), en la Literatura, y Motta (2013), en la Comunicación. El abordaje metodológico es cualitativo (DEMO, 2000); el muestreo analizado, intencional por criterio (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Palabras clave: Sistema. Narrativa. Cuarto Narrador. Mediatización. Circulación.

Introdução

Este artigo, excerto de caminho de pesquisa identificado¹, analisa determinados formatos de narrativa cujas temáticas se referem a casos de violência praticados contra mulheres, crianças, minorias sociais² ou indivíduos integrantes destes estratos. A análise será realizada sobre exemplos veiculados em *sites* e redes sociais que se utilizam, em seus relatos, de situações reais ou simulações para denunciar eventos dessa natureza que ocorreram ou que ocorrem contra representantes desses estratos.

O percurso metodológico se dará por meio de cinco passos: em um primeiro momento, pela explicitação de conceitos necessários à nossa perspectiva e sua contextualização no diálogo proposto. É o caso, por exemplo, de irritação, violência e outros. Proporemos, em seguida, uma discussão sobre o ambiente em que o cenário se estabelece, para, então, discorrermos a respeito do quarto narrador, compreendendo o mesmo como chave hermenêutica para a discussão que estamos propondo. O próximo momento será a ilustração de nosso objeto, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa (DEMO, 2000), seguida das necessárias considerações interpretativas.

Reação sistêmica

Partimos do princípio de que a emergência do que estamos chamando de “narrativas da violência” representa uma espécie de reação a determinados tipos de irritação. Elas são oriundas do meio em que os sistemas se inserem – não se pode pensar em sistema sem um

1 O artigo é parte das reflexões desenvolvidas desde o estágio pós-doutoral, na Unisinos em 2016.

2 “[...] indivíduos considerados merecedores de tratamento desigual e humilhante simplesmente porque são identificados como pertencentes a elas” (JOHNSON, 1997, p.149).

entorno (LUHMANN, 2009) –, ou dos demais sistemas, e que são potencialmente danosas à estabilidade sistêmica, necessária à sua operacionalidade.

A análise se dará principalmente sobre o sistema midiático. Esse é compreendido, no diálogo com Bertalanffy (2013), Parsons (2005), Luhmann (2009) e Soster (2015), como um sistema sócio-técnico composto processualmente pelo conjunto de organizações, instituições, agentes e dispositivos (jornais, revistas, rádios, televisões etc.) de natureza comunicacional, à revelia de sua natureza (jornalismo, entretenimento, política etc.).

As “narrativas da violência” se estabelecem neste cenário por meio dos processos de enunciação realizados a partir da circulação de informações no interior do sistema midiático. A voz, ou as vozes, do quarto narrador, por sua vez, personificam-se, como veremos adiante, nos sentidos que emergem das operações realizadas pelos dispositivos³ que compõem o sistema a partir de suas processualidades e no diálogo destes com os demais dispositivos.

Na perspectiva que trabalhamos neste artigo, irritação não ocorre apenas a partir da circulação como é sinônimo, a um tempo, tanto de perturbação como de estímulo às transformações do próprio sistema:

[...] as irritações sempre estão referidas (e orientadas) às estruturas e, no âmbito dos acontecimentos de sentido, elas estão voltadas para as expectativas possíveis, que já trazem impresso um sentido de avaliação: somente com isso pode-se obter informação. Dessas expectativas possíveis, surge uma perturbação, uma irritação, que se torna atual no sistema, e faz com que a autopoiesis da operação do sistema reaja mediante identificação ou rejeição: no momento em que surge um odor cheirando a queimado, não se sabe se são as batatas ou algo que se incendeia na casa, mas, em todo o caso, sempre há uma interpretação limitada da percepção de um odor inabitual de queimado (LUHMANN, 2009, p.138-139).

Estamos nos referindo a informações sobre estupro de mulheres, abusos de crianças, agressões contra homossexuais, segregação racial, maus tratos e discriminações de toda a ordem, por exemplo, que, por sua natureza desagregadora, ameaçam a estabilidade sistêmica. Provocam, portanto, irritação; ao fazê-lo, acabam sendo absorvidos por meio de operações do sistema, transformando e sendo transformadas neste movimento.

Estas transformações são o resultado de um intrincado processo de redução de complexidade de natureza autorreferencial que objetivam, ao fim, a manutenção do

³ O conceito de dispositivo será compreendido, neste artigo, tanto por meio de Mouillaud (1997), ou seja, como matriz por meio das quais formas e sentidos têm lugar, como a partir de Ferreira (2014, p.7), que entende dispositivo como “[...] espaço operatório concreto (ao mesmo tempo, epistemológico e empírico) que permite remissões à circulação e aos processos sociais vinculados à midiáticação”.

sistema. O que emerge destes movimentos de acoplamento estrutural são as “narrativas da violência”, que requerem explicitação.

O conceito de “narrativas da violência” diz respeito a estruturas sócio-técnico-discursivas de caráter simbólico cuja temática se refere a denúncias, institucionais (ligado a uma instituição como o Estado, por exemplo) ou não (uma ação promovida por um indivíduo), à violência, e que não são apenas referências de eventos ocorridos.

Ou seja, que se valem de uma gama variada de estratégias discursivas midiáticas (formas de dizer, imagens apelativas, atorização etc.) para realizar complexas ofertas de sentido. Fazem isso ao invés de simplesmente reportar o problema como era usualmente feito na sociedade dos meios (uma notícia em páginas de jornais explicando o ocorrido, por exemplo).

As “narrativas da violência” se inserem, dessa maneira, em uma variedade expressiva de modalidades discursivas por meio das quais as temáticas ligadas à violência, dentre estas a violência simbólica, se expressam.

[...] a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui, também, dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria de “nossa casa de ser”. [...] essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocações e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentidos. Em segundo lugar, há aquilo que eu chamo de violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político (ZIZEK, 2014, p. 303).

Estamos diante de “narrativas da violência”, por exemplo, quando um ator interpreta, em um *site* ou rede social, o papel de uma vítima de violência em um vídeo, tomando dramaturgicamente o lugar da vítima, reconfigurando lugares. “Toda operação de produção de sentido (e correlativamente, todo “efeito de sentido”) é uma função complexa (uma relação entre relações), e, portanto, uma operação que põe em jogo um número n de termos, n não sendo nunca igual a dois” (VERÓN, 1980, p.78). Sentidos estes que, uma vez acessados, são potencialmente capazes de minimizar os efeitos dos discursos de ódio à medida que, narrativamente, “[...] instituem significação à vida humana” (MOTTA, 2013, p. 18).

Se o sistema reage a essas irritações por meio da ressemantização dos discursos dessa natureza, é porque a violência, na perspectiva que estamos refletindo, é seminalmente

desagregadora, como compreende Arendt (1985). Torna-se, portanto, nociva à estabilidade sistêmica, aqui pensada nos moldes de Luhmann (2009).

Concordamos com Amaral e Coimbra (2015) quando afirmam, ainda que em outro contexto, que a violência simbólica contribui para a disseminação e intensificação do que chamam de discursos de ódio e a decorrente potencialização dos estigmas sociais. Mas ponderamos, dialogando igualmente com Bourdieu (2015), que a violência, apesar de seu estatuto de sistema simbólico, talvez não devesse ser compreendida como uma instância de poder, por maiores que sejam as semelhanças.

Arendt (1985) alerta que poder usualmente é confundido com vigor, força, autoridade e, finalmente, violência. É afirmar, com os riscos inerentes às simplificações, que poder diz respeito à capacidade de agir em conjunto em prol do que é comum a todos, propositivamente. Já o vigor, de caráter individual, diz respeito a um objeto ou a uma pessoa e pertence ao caráter desta. Força, por sua vez, e ainda que usualmente se confunda com violência, em especial se opera como forma de coerção, é, antes, a energia liberada por movimentos físicos ou sociais.

A autoridade, por outro lado, é o reconhecimento inquestionável daqueles a quem se pede que obedeça. Neste caso, nem a coerção e nem a persuasão são necessárias. Violência, por fim, é, para Arendt (1985), um constructo de caráter instrumental. Na comparação com o poder, o vigor, a força e a autoridade, é nefasta à medida que espalha dor e sofrimento, inviabilizando qualquer forma de equilíbrio por este viés. “Utilizá-las como sinônimo indica não apenas uma certa surdez aos significados linguísticos, o que já seria grave em demasia, mas também resulta em uma certa cegueira às realidades a que eles correspondem” (ARENDR, 1985, p.60).

Devemos considerar duas questões antes de prosseguirmos, ainda. A primeira, nas palavras de Arendt (1985), é que os conceitos de vigor, força, autoridade e violência não existem isoladamente, mas sim de forma relacional. Assim, não é raro encontrarmos a noção de poder associada à de violência, por exemplo, o que usualmente esconde armadilhas. “Embora a violência tenha o pretexto de gerar poder, ela não é de forma alguma politicamente tão eficaz quanto o poder real, que é alcançado mediante a liberdade” (FRY, 2009, p.99).

A segunda questão diz respeito à forma por meio da qual transpomos a perspectiva de Arendt (1985) para uma visada a um tempo sistêmica e mediatizada, em particular no que toca aos conceitos de poder e violência. Se, de um lado, a filósofa dirá, em suas reflexões, que o poder nasce do consenso com o objetivo de viabilizar processos – o governo de um país eleito democraticamente por maioria de votos, por exemplo, e que a violência é o oposto disso – um golpe que o destitua, digamos –, algo semelhante pode ser pensado em termos sistêmicos, resguardadas, como salientamos, as perspectivas.

Ou seja, o objetivo final das operações de um sistema, à revelia de sua natureza, é a redução da complexidade interna do mesmo como forma de viabilizar suas operações (LUHMANN, 2009). Garante-se, assim, tanto sua existência quanto sua autonomia operacional: a) em relação ao meio em que se insere e b) aos demais sistemas (SOSTER, 2015). Autonomia antes como fechamento autorreferencial que como independência do entorno: “[...] o entorno pode limitar ou ampliar o âmbito de possibilidades operativas do sistema, porém isso não anula o fato de que as operações sejam produzidas e conectadas somente pelo e no sistema” (BARALDI; CORSI; ESPOSITO, 1996, p.36-37).

Mais que isolamentos, portanto, fortalecem-se identidades. Poder, para o sistema, é sinônimo de redução de complexidade e a decorrente viabilidade operacional: “A função do poder consiste na redução de contingências” (LUHMANN, 2005, p.18 – Tradução nossa).

Ambientes diferenciados

Há de se considerar na análise, ainda, que as operações a que estamos nos referindo estabelecem-se no âmbito da circulação. Ou seja, no diálogo com Fausto Neto (2010), em uma instância na qual a emergência dos sentidos ocorre antes a partir de uma lógica de movimento, e suas complexificações, que em um lugar situacional, o que reconfigura lugares secularmente instituídos:

Desta perspectiva, o conceito de circulação distancia-se da problematização anterior que a concebia como “zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”. Passa a funcionar como uma “zona de indeterminação” enquanto dispositivo, ou espaço gerador de potencialidades. Retira das gramáticas a soberania das intenções, à medida que os discursos se contatam pelo contágio da força e dinâmica deste novo espaço. As intenções de origem perdem força, uma vez que estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e a recepção não possam mais controlá-las, bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre discursos. A linearidade dá lugar à heterogeneidade (FAUSTO NETO, 2010, p. 9-10).

É dizer que a circulação, ao deixar de lado o estatuto de lugar de passagem para se transformar em “espaço gerador de potencialidades”, acaba por adquirir identidade, ainda que com contornos pouco definidos em decorrência de sua condição “em movimento”. Podemos compreender estes espaços como ambiências (GOMES, 2006) e situá-las em

uma condição processual específica, midiaticizada⁴. Potencializa-se, dessa forma (SOSTER, 2015), como sugeriu seminalmente Postman (1968), toda uma ecologia midiática, ou seja:

Uma cultura de natureza convergente, dialogando com Jenkins (2008); sobretudo, midiaticizada, uma nova ambiência, que Sodré (2002) vai chamar de “quarto bios”, a partir da categorização aristotélica⁵; Gomes (2006) de “uma nova forma de ser no mundo” e Silverstone (2012), a partir de Isaiah Berlin, de “uma textura da experiência”. Sobretudo, agora pensando em Hjarvard (2014), à alteração de todo um modo de ser da sociedade em decorrência do crescimento e influência dos meios de comunicação nesta (SOSTER, 2015, p.163).

É no âmbito deste novo “lugar-ambiente”, ou “lugares-ambientes” que as transformações se dão. Estamos nos referindo a processos interacionais de referência (BRAGA, 2007), que reconhecem a centralidade da mídia como vetor de interação social.

A expressão, em parte, decorre de considerarmos determinados processos como principais, tendencialmente prevalecentes. Os demais processos interacionais (que não sejam considerados “de referência”) teriam estes como parâmetro, se refeririam a eles como critérios de validade e definidores de lógicas centrais. Um processo interacional “de referência”, em um determinado âmbito, “dá o tom” aos processos subsumidos – que funcionam ou passam a funcionar segundo suas lógicas. Assim, dentro da lógica da mediatização, os processos sociais de interação mediatizada passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam (BRAGA, p.2, 2007).

São estes processos interacionais de referência que vão permitir a emergência de um novo substrato narrativo, que estamos chamando, aqui, de quarto narrador.

Quarto narrador

Compreender as “narrativas da violência” implica tanto enfrentar obstáculos epistemológicos como considerar que as mesmas são narrativas, em primeiro lugar, e que têm natureza midiaticizada; são, portanto, reverberações das operações discursivas que se estabelecem na ambiência descrita acima. Também considerando, na análise, que não se

4 Há, aqui, uma importante discussão de fundo. Diz respeito ao fato de a teoria dos sistemas, pensada a partir de Niklas Luhmann, principalmente, não ter estabelecido diálogos mais estreitos com a da mediatização, o que se deve, principalmente, ao fato de a obra de Luhmann ter sido interrompida por sua morte, em novembro de 1988, na Alemanha. A discussão em torno da proximidade dos dois modelos teóricos, que nos permite tecer tal consideração, está sendo enfrentada desde o estágio pós-doutoral do autor do artigo, realizado em 2016, na Unisinos (RS).

5 O primeiro *bios* diz respeito à vida contemplativa; o segundo, à vida política; o terceiro, à vida prazerosa (SODRÉ, 2002, p.25).

pode pensar em “narrativas” sem observar, na discussão, quem narra; os narradores e suas vozes.

Assim, no âmbito da teoria da narrativa, podemos pensar as narrativas como histórias que tanto estruturam nossa realidade como imprimem às mesmas a condição de verdade (RICOEUR, 2010), tendo como marca o tempo.

Ao mexer com uma categoria tão demarcatória da experiência humana como o tempo, a narrativa traz em si bem mais do que a capacidade de organizar os acontecimentos engendrados pela relação dos sujeitos com suas realidades. Ela garante, nessa perspectiva, a própria estruturação dos sentidos necessários à construção do sentido maior de existir e da tentativa de reconhecimento dessa medida de difícil delimitação conceitual. Narra-se, portanto, porque se busca a disposição arranjada no tempo que possa oferecer certas epistemologias necessárias aos fatos e à própria possibilidade de reconhecê-los como tal (PICCININ, 2012, p.69).

Quanto às vozes narrativas, têm a ver com:

[...] um processo e com as circunstâncias em que ele se desenrola; o processo é o da enunciação narrativa, quer dizer, o ato da narração de onde decorre o discurso narrativo propriamente dito e a representação diegética que leva a cabo; as circunstâncias são as que envolvem este processo, circunstâncias de ordem temporal, material, psicológica etc. que condicionam o narrador de forma variável, projetando-se indiretamente sobre o discurso enunciado e afetando mais ou menos o narratário (LOPES; REIS, 1988, p.141).

A partir do esquema desenvolvido originalmente, na Literatura, por Genette (1988) e, depois, na Comunicação, por Motta (2013), e com base em percurso de caminho identificado (SOSTER, 2014, 2015a e 2015b), defendemos que a voz, ou as vozes, responsáveis pelos sentidos que emergem das “narrativas da violência” pertencem àquele que estamos chamando de “quarto narrador”. Ou seja, ao narrador que se estabelece, antes, em uma processualidade sistêmico-midiatizada que em um lugar situacional, como ocorre com o primeiro, segundo e terceiro narradores⁶.

Vale lembrar que o primeiro narrador, para Motta (2013), é o dispositivo, aqui compreendido tanto como a organização/instituição como o suporte propriamente dito (o jornal, por exemplo, em seus aspectos “empresa” e “jornal de papel” que chega à nossa

⁶ Há toda uma discussão de fundo aqui a ser considerada igualmente, que não enfrentaremos neste momento por questões de economia de espaço. Diz respeito, fundamentalmente, à passagem de um modelo de análise próprio da sociedade dos meios (1º, 2º e 3º narradores, na perspectiva de Genette (1988) e Motta (2013)) para uma sociedade em vias de midiática (4º narrador). Considere-se, portanto, as questões aqui colocadas de maneira indiciática, ou seja, como espécie de “bioindicadores” de níveis mais profundos de significação.

casa todos os dias). O segundo narrador é o repórter, ou seja, o agente que dará forma aos relatos, enquanto que o terceiro são as fontes utilizadas nas matérias. Ainda que haja uma certa hierarquia – o primeiro narrador tem maior influência sobre o segundo e terceiro narradores, por exemplo –, as três instâncias dialogam relacionalmente.

Também é importante salientar que, mesmo não se podendo pensar o quarto narrador sem os níveis narrativos anteriores (1º, 2º e 3º narradores), há uma diferença substancial a ser considerada, e eis o obstáculo epistemológico a que nos referimos anteriormente: o quarto narrador se personifica no diálogo entre dispositivos a partir de condições específicas de circulação. Ou seja, a partir de irritações que tenham a capacidade de interferir na processualidade do sistema.

Neste sentido, o “quarto narrador” é um produto da circulação que se estabelece na ambiência formada a partir do diálogo entre os dispositivos, e não apenas neles ou a partir deles. E é por isso que, quando as ofertas de sentido são feitas pelo quarto narrador, caso de uma campanha contra a violência, a tematização se sobrepõe a questões identitárias internas ao dispositivo (a “marca”, o “nome”, a “origem” etc.), ainda que não prescindam destas.

Dito isso, é chegado o momento de observarmos como se manifesta a voz, ou as vozes, do quarto narrador a partir da análise de exemplos do que estamos classificando de “narrativas da violência”.

Narrativas da violência

Os exemplos abaixo foram coletados na internet a partir de *sites* ou redes sociais, tendo como critério o fato de representarem narrativas antes agregadoras que potencialmente perigosas à estabilidade sistêmica. O que personifica, nelas, identitariamente, o quarto narrador é a) o alinhamento temático entre eles e de suas estratégias discursivas, bem como b) as diferenças que estas narrativas representam, em seu conjunto, na relação com as demais formas de enunciação. Sua identidade é o resultado de uma diferença:

Identidade não é apenas uma qualidade do objeto, pois diz respeito ao olhar de quem observa: por isso fala sempre na identidade de algo por alguém e com base em uma distinção específica. É dizer que as identidades são introduzidas para organizar as diferenças mediante as quais opera o sentido. As identidades não são dados primários, mas são definidos apenas negativamente no contato com as diferenças em relação ao outro: combinam uma série de distinções em uma forma que pode ser reconhecida (BARALDI, CORSI, ESPOSITO, 1996, p.88-89 – Tradução nossa).

Violência contra as mulheres

É o que pode ser percebido na campanha denunciando a violência contra as mulheres promovida pelo governo de Ontario, no Canadá, sob o título *#whowillyouhelp*⁷. O objetivo foi denunciar tanto a violência praticada contra as mulheres naquele país quanto a omissão em relação a ela, sugerindo que quem assiste passivamente à violência torna-se cúmplice dela.

Os vídeos da campanha *#whowillyouhelp* foram inicialmente veiculados no Youtube⁸ e repercutidos, posteriormente, nas redes sociais, sendo comentados (Figuras 1 e 2) por sites como “Hypeness – criatividade para todos”, que o fez com o título “*Campanha mostra que você também está sendo cúmplice da violência sexual contra mulheres*”⁹, e Catraca Livre, este com o título “*Todos são cúmplices da violência contra a mulher, diz campanha*”¹⁰

Figura 1 – Cumplicidade



Fonte: site Hypeness

⁷ Em uma tradução literal, *#quemvocêvaiajudar*.

⁸ Caso, por exemplo, deste vídeo, que ilustra a matéria analisada: <https://www.youtube.com/watch?v=c2ZSZeGc-O8>.

⁹ Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2015/03/campanha-mostra-porque-voce-esta-sendo-cumplice-da-violencia-sexual-contra-mulheres/>. Acesso em: 26 mar. 2016.

¹⁰ Disponível em: <https://quemnova.catracalivre.com.br/tag/whowillyouhelp/>. Acesso em: 18 maio 2016.

Figura 2 – Campanha

Sem categoria

Todos são 'cúmplices' da violência contra a mulher, diz campanha

por Redação - 25/03/2015 @ 20:34 | Atualizado: 27/03/2015 @ 15:26

Uma nova iniciativa, feita pelo governo de Ontário, no Canadá, quer mostrar às pessoas que todos já foram testemunhas da violência contra a mulher mesmo sem saber. No vídeo, são encenadas várias situações aparentemente cotidianas que ilustram a campanha #WhoWillYouHelp.



Fonte: *site* Catraca Livre

Observamos, aqui, que algo no ambiente (a violência contra as mulheres e a omissão das pessoas em relação a ela) irrita, inicialmente, o sistema político (o governo do Canadá), sendo absorvido por ele e interferindo em sua dinâmica de funcionamento. A violência, à revelia de sua forma, possui custos sociais relevantes e é potencialmente desagregadora, representando, portanto, um risco ao tecido social.

O sistema, por meio de ofertas de sentido midiaticizadas, ressemantiza o acontecimento, transformando-o em uma “narrativa da violência”. O movimento também desloca quem assiste à condição de testemunha da cena, complexificando seu papel de receptor e o integrando à narrativa na condição de personagem.

Uma vez disponibilizado no Youtube, o dispositivo “vídeo”, por meio de seus processos discursivos de enunciação, passa a dialogar com os demais dispositivos, em um movimento de acoplamento estrutural. É o que ocorre, para ficarmos em dois exemplos, com os *sites* Hypheness e Catraca Livre, como demonstrado nas Figuras 1 e 2, que passam a estabelecer, igualmente, processos de enunciação.

Campanha contra o racismo

Um segundo exemplo diz respeito a uma campanha desenvolvida por uma agência de publicidade da Lituânia, Leste Europeu, para denunciar a existência de racismo naquele país. Temos aqui, uma vez mais, uma irritação – a violência personificada no racismo – que tanto emerge quanto desagrega a sociedade, com a diferença que afeta diretamente

um dispositivo do sistema midiático. Isso ocorre à medida que o vídeo é desenvolvido por iniciativa de um *site* lituano¹¹, que se utiliza da problemática¹² para: a) dar visibilidade às suas próprias ações e b) denunciar o problema naquele país.

Figura 3 – Racismo na Lituânia



Fonte: Uhull

No vídeo¹³, veiculado no Facebook, é montado um cenário (a montagem integra as imagens iniciais) no qual um ator negro, interpretando o papel de um homem que acabou de chegar à Lituânia, aguarda sua vez de ser entrevistado para um comercial de televisão. À medida que os demais candidatos chegam ao local, ele mostra a estes, por meio da rede social Facebook, acessada de um *tablet*, um vídeo e pede que os mesmos traduzam o conteúdo, alegando que está há apenas duas semanas no país e que não conhece bem a língua. A reação dos candidatos ao comercial, que não sabem que estão sendo personagens de uma simulação, sugere que o conteúdo da mensagem é racista e xenófobo, o que é explicitado somente ao final do vídeo, quando um deles lê para o ator negro parte do conteúdo.

Importante observar que, uma vez disponibilizada na internet via Youtube, a narrativa passa a irritar dispositivos midiáticos e a ser absorvida pelos mesmos, que repetem em seu interior lógicas operacionais sistêmicas (SOSTER, 2009) e passam a realizar processos de enunciação com o conteúdo. É o que se observa, por exemplo, quando o proprietário do *site* <http://www.uhull.com.br/> traduz o vídeo para o português e o disponibiliza em seu espaço,

11 Disponível em: www.svetimageda.lt. Acesso em: 18 maio 2016.

12 A explicação consta no vídeo, em lituano, no qual é informado, que se trata de uma experiência da equipe do próprio *site* realizada com estes propósitos. Trata-se, o *site*, de uma espécie de manual criado para que as pessoas saibam se portar em situações como estas.

13 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdPioHyt8lw>. Acesso em: 19 maio 2016.

igualmente. Ou, ainda, quando *sites* como UOL¹⁴, Pragmatismo político¹⁵ e Exame.com¹⁶, para ficarmos em três, realizam operações semelhantes.

Analisando-os individualmente, a informação original sofre pequenas variações, resultantes das operações realizadas internamente pelo dispositivo, o que pode ser observado desde o enunciado dos títulos:

- **UOL.** Como as pessoas reagem ao racismo quando têm que traduzir uma mensagem ofensiva
- **Pragmatismo político.** Um experimento sobre racismo na Lituânia para refletir aqui no Brasil
- **Exame.com.** Você traduziria um texto racista para um negro?

Identificamos a voz do quarto narrador antes por meio dos sentidos que emergem do alinhamento temático-discursivo destes enunciados que da forma como estruturam seus relatos.

Violência doméstica na Croácia

Um terceiro exemplo, produzido pelo governo da Croácia, diz respeito a um vídeo criado com o objetivo de denunciar a violência praticada contra as mulheres por seus maridos. A narrativa é composta por uma série de imagens em que o rosto de uma mulher jovem vai se transformando progressivamente até se mostrar desfigurado pelas agressões por ela sofrida. A legenda informa que ela se fotografou durante um ano, sugerindo, ainda, que o final deixará quem assiste “sem palavras”. A narrativa irritou o sistema midiático inicialmente por meio do Youtube, circulando, a partir daí, por *sites* como Dailymotion¹⁷, Geledés¹⁸, Família.com.br¹⁹ e outros.

14 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/03/20/como-pessoas-reagem-ao-racismo-quando-tem-que-traduzir-uma-mensagem-ofensiva.htm>. Acesso em: 19 maio 2016.

15 Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/um-experimento-sobre-racismo-na-lituania-para-refletir-aqui-no-brasil.html>. Acesso em: 19 maio 2016.

16 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/voce-traduziria-um-texto-racista-para-um-negro>. Acesso em: 19 maio 2016.

17 Disponível em: https://www.dailymotion.com/video/x1zsf2j_this-woman-took-a-photo-of-herself-everyday-during-a-year-the-ending-you-leave-you-speechless_people. Acesso em: 19 maio 2016.

18 Disponível em: <http://www.geledes.org.br/esta-mulher-fotografou-se-todos-os-dias-durante-um-ano-o-final-nos-deixa-sem-palavras/>. Acesso em 19 maio 2016.

19 Disponível em: <https://familia.com.br/superacao/ela-fotografou-se-todos-os-dias-durante-um-ano-vivendo-sob-o-abuso-e-a-violencia-domestica>. Acesso em: 19 maio 2016.

Figura 4 – “Selfies” da violência



This Woman Took A Photo Of Herself
Everyday During a Year. The Ending You
Leave You Speechless.

♡ Gosto 📄 Republicar

Fonte: Dailymotion

As informações acima circularam pela internet e foram repercutidas em *sites* como BBC Brasil²⁰, Portal Vírgula²¹, Tribunal de Justiça de Sergipe²², Revista RollingStone²³ e outros.

Por meio de imagens autorreferenciais expostas na forma de *slide-show*, a vítima das agressões sofre uma espécie de deslocamento espaço-temporal e se transforma em personagem de si própria e de todas as mulheres atingidas pelo mesmo problema. Isso é possível, de um lado, pela distribuição sequencial das imagens, enquanto que, de outro, pela deterioração que seu rosto sofre à medida que as imagens avançam.

Considerações interpretativas

Pensar as “narrativas da violência” a partir do que refletimos até aqui requer que consideremos, na análise, o quarto narrador em uma perspectiva antes indiciática que situacional. Neste sentido, sua presença opera como uma espécie de bioindicador de camadas mais profundas de significação.

Sobretudo pelo fato que estamos falando de uma forma narrativa midiaticizada. Ou seja, que existe em decorrência de uma estrutura de sociedade marcada profundamente pela

20 Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151125_violencia_domestica_celebridades_rm. Acesso em: 19 abr. 2016.

21 Disponível em: <http://virgula.uol.com.br/comportamento/quebre-o-silencio-artista-recria-fotos-de-celebridades-com-sinais-de-agressao/#img=1&galleryId=1038480>. Acesso em: 19 abr. 2016.

22 Disponível em: <http://www.tjse.jus.br/portaldamulher/index.php/component/content/article/14-portal/202-a-vida-pode-ser-um-conto-de-fadas-se-voce-quebrar-o-silencio-nenhuma-mulher-esta-imune-a-violencia-domestica-campanha-de-artista-italiano-alexandro-palombo>. Acesso em: 19 maio 2016.

23 Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/blog/com-imagens-de-celebridades-artista-italiano-cria-campanha-contra-violencia-domestica/#imagem0>. Acesso em: 19 maio 2016.

acelerada emergência de processos interacionais de referência, que reconfigura cenários e exige gramáticas específicas de reconhecimento.

Como vimos nos exemplos, a emergência do quarto narrador se dá, em termos processuais, a partir do momento em que um acontecimento – em nosso caso, a violência – irrita um sistema, independente de sua natureza, interferindo na lógica operacional deste. É o que acontece, por exemplo, quando casos de violência doméstica ou de racismo adquirem dimensões preocupantes na sociedade ao ponto de chamar a atenção de seus governantes.

Nossos exemplos sugerem que a forma por meio da qual a violência é incorporada pelo sistema e, posteriormente, devolvida ao meio e demais sistemas, é pelo viés da ressemantização do acontecimento em questão, a partir de lógicas discursivas midiáticas.

Nos casos analisados, estes movimentos podem ser identificados quando, por exemplo, os governos do Canadá e Croácia elaboram estratégias por meio das quais os discursos de violência são oferecidos à sociedade como “narrativas da violência”, na perspectiva que estamos pensando. Com isso, incorporam as irritações às suas processualidades operacionais, transformando violência em poder, ou seja, em um mecanismo de aglutinação social.

As “narrativas da violência” acabam por irritar o sistema midiático – o que ocorre por meio da disponibilização dos vídeos na plataforma Youtube –, que absorve a informação e faz com que ela circule entre alguns de seus dispositivos (*sites*, redes sociais, *blogs* etc.).

Se lembrarmos que o dispositivo repete, em seu interior, a lógica operacional do sistema em que se insere (SOSTER, 2009), compreenderemos, então, que processos de enunciação têm lugar a partir destes momentos. Isso está posto, na mostra, quando indicamos os *sites* que repercutiram o acontecimento em questão.

É preciso dizer, ainda, que o processo de ressemantização a que nos referimos pode ser observado por marcas deixadas na superfície das narrativas analisadas. A transformação, pelo viés da atorização, de sujeitos em personagens, caso do vídeo sobre racismo da Lituânia, é uma delas.

Ainda que o conceito de atorização tenha sido pensado originalmente para refletir sobre o jornalismo midiático (FAUSTO NETO, 2011; SOSTER, 2015), pode ser utilizado igualmente na perspectiva que estamos propondo, à medida que também aqui temos a geração de uma nova matriz enunciativa, “[...] cujo primeiro efeito se constitui no deslocamento do trabalho jornalístico de uma esfera tecno-simbólica de mediação, para uma outra, que chamaríamos de ‘atorização’ propriamente dita” (FAUSTO NETO, 2011, p.4).

Ao transformar pessoas comuns em atores, e atores em pessoas comuns, o sistema realiza ofertas de vínculos cujo objetivo é estreitar os laços entre as ofertas de sentido e quem as acessa. Provoca, neste movimento, reações como o compartilhamento das informações.

É o que se observa no exemplo, na Figura 1 – Cumplicidade, que não apenas foi compartilhada com outro *site* como teve suas legendas traduzidas para que o processo de empatia se desse mais rapidamente. Contribui para este propósito o uso, nos enunciados, de palavras-chave precedidas de *hashtags*, ou seja, símbolos gráficos²⁴ que sugerem o compartilhamento de informações via internet, caso de *#howillyouhelp*.

Outro ponto a ser considerado na interpretação diz respeito à forma como os diálogos se estabelecem com quem lhes observa. Se, na sociedade dos meios, as gramáticas eram hegemonicamente explicativas ou interpretativas, e, portanto, referenciais, em nossos exemplos a arquitetura discursiva parece solicitar, em alguns casos, outras formas de adesão de quem com eles dialoga.

Isso pode ser percebido na Figura 4 – “*Selfies*” da violência, à medida que acompanhamos a evolução das agressões sofridas pela protagonista na narrativa de forma passiva, quase cúmplice. Sentimento este que se exacerba na Figura 1. Em ambos os casos, quem observa é inserido na narrativa na condição de protagonista das agressões, em uma alusão clara ao significado moral da palavra omissão.

O observador também se insere na narrativa na Figura 3 – Racismo na Lituânia, à medida que acaba tomando para si o lugar da câmera e dividindo espaço na narrativa, dessa forma, com o próprio narrador. A afirmação se justifica à medida que, diferentemente dos demais personagens, o observador é informado, desde o início do vídeo, que aquele é uma “armação” e que as pessoas que participam da cena estão, na verdade, sendo testadas.

Reconfigura-se, dessa maneira, a própria ambiência em que os sistemas se inserem por meio da criação de zonas intermediárias de circulação, portanto novas ambiências, que não podem ser pensadas: a) isoladamente em relação à zona mais ampla (os conjuntos dos quatro narradores); e b) em ser consideradas sínteses da mesma, à medida que existem e se afetam relacionalmente.

Compreender o que isso significa é o desafio que se coloca daqui para a frente.

Referências

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso *#eunãomereçoserestuprada*. **Contemporânea. Revista de Comunicação e Cultura**. Universidade Federal da Bahia, v.13, n.01, p.294-310, mai/ago 2015.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: UnB, 1985.

BARALDI, Cláudio; CORSI, Giancarlo; ESPOSITO, Elena (Org.). **Glossário sobre la teoria social de Niklas Luhmann**. México: Anthropos, 1996.

²⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>. Acesso em: 19 maio 2016.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico: história e sociedade**. Lisboa: Edição 70, 2015.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo internacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FAUSTO NETO, Antônio. Transformações nos discursos jornalísticos: a atorização do acontecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Rio de Janeiro, 2011. **Anais...**

_____. A circulação além das bordas. In: MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL Y ARGENTINA. Rosario, 2010. **Anais...**

FERREIRA, Jairo. **Mediatização em processo**: investigação em dispositivos midiáticos. Projeto de Pesquisa: Edital PQ/2014. Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCom) Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos): São Leopoldo, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GENETTE, Gerárd. **Figuras III**. Barcelona: Lumen, 1988.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

HJARVARD, Stig. **A mediatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LOPES, Ana Cristina M; REIS, Carlos (Orgs). **Dicionário da teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

LUHMANN, Niklas. **Poder**. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sergio (Org.). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PARSONS, Talcot. **The social system**. England: Taylor & Francis e-Library, 2005.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: AUTOR; PICCININ, Fabiana. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (Org). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba: Apris, 2015a.

_____. O quarto narrador, a morte da editora e a midiática das narrativas. In: 13º ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO. Campo Grande, 2015b. **Anais...**

_____. Jornalismo e literatura: as complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico. In: _____.(Org.). **Narrativas reconfiguradas 2: a forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiática e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. São Leopoldo, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014. Seção 303. Edição Kindle.

Demétrio de Azeredo Soster

Possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, 2009), onde realizou estágio pós-doutoral em 2016. É professor de Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Também é pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Unisc – Mestrado e Doutorado. Integra os grupos de pesquisa vinculados ao CNPq “Midiática das práticas sociais”, “Grupo de estudos sobre narrativas literárias e midiáticas” (Genalim) e “Estudos e Produção Multimídia”. É editor da revista *Rizoma: midiática, cultura, narrativas* – Qualis B2 – e diretor-editorial da Editora Catarse Ltda. Organizou 11 livros voltados à área de Jornalismo e é autor, em literatura, de *Tempo Horizontal* (Edunisc, 2013), *Livro de Razão* (Insular, 2014), *Quase Coisa* (Catarse, 2015), *Pérolas de Pedro* (Catarse, 2015) e *Livro das sombras, jazz & outros poemas* (Catarse, 2016). Coordena a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas da SBPJor.

Recebido em: 21.06.2016

Aceito em: 10.02.2017